



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## MAYDAY! MAYDAY! JOVENS TRABALHADORES EM AÇÃO

Ricardo Manuel Roumeliotis Sampaio

Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa

[ricardomrsampaio@gmail.com](mailto:ricardomrsampaio@gmail.com)

Esta comunicação pretende apresentar os resultados da investigação sobre o movimento MayDay Lisboa 2009, levada a cabo no âmbito da tese de mestrado em Antropologia: Multiculturalismo e Identidade. Pretende analisar a organização e a dinâmica do movimento Mayday Lisboa 2009 e a sua estratégia de acção na tentativa de construção de uma nova identidade colectiva: o precariado.

O movimento Mayday Lisboa apresenta-se como um movimento “assemblário”, enquadrado no contexto mais global dos movimentos alterglobalização, é constituído por trabalhadores precários e tem como objectivo geral a luta contra a precariedade laboral. O movimento MayDay chegou a Lisboa em 2007 e a investigação decorreu em 2009, uma altura em que algumas economias, até aqui dominantes no plano global, caem num cenário pantanoso de crise e as consequências da flexibilização do mercado laboral manifestam-se no plano social. Na viragem para o século XXI, o tema da desregulação do mercado laboral entra em força no debate político, no discurso económico e na realidade social da “Nova Europa”.

Início o texto com uma breve contextualização histórica dos movimentos alterglobalização e das origens do movimento MayDay a nível internacional, como forma de introdução do movimento e da sua chegada a Lisboa.

A apresentação e análise do movimento MayDay Lisboa 2009 organiza-se em três vectores diferentes. Primeiro concentro-me sobre a orgânica e dinâmica do movimento,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

fazendo uma análise sobre as formas de organização, estratégias e recursos e explorando o conceito de capital militante em rede. A segunda parte foca-se sobre a construção de uma nova identidade colectiva, a identidade do trabalhador precário e a criação de um novo sujeito social orientado para a acção colectiva e mobilização social. A terceira parte da análise incide nas formas de protesto e de acção, no seu carácter criativo, festivo e performativo, recorrendo fortemente à sátira e ao humor, procurando uma imagem de irreverência e ruptura. A utilização das novas tecnologias da informação e comunicação apresenta-se como factor muito importante.

Finalizo com as considerações finais sobre os resultados da investigação e sobre o que decidi apresentar como “Geração Precária, geração em movimento”.

Paralelamente a esta tentativa de síntese e fusão entre as principais correntes teóricas, no terreno os movimentos sociais passam por um processo de transição, atingindo uma nova fase da sua história. Adquirem uma dimensão global e estabelecem redes de cooperação transnacionais entre vários movimentos de causas diversas e cujos caminhos até então raramente se cruzavam.

Os protestos de Seattle foram considerados por muitos analistas um marco simbólico do início duma nova fase na história dos movimentos sociais, mas também pela sua carga simbólica amplamente reconhecida pelos analistas desta área teórica. Em *Adeus Sr Socialismo: Que futuro para a Esquerda?* António Negri refere-se a Seattle como “o encontro da multidão”, multidão essa composta por várias forças sociais que não tinham tradição de trabalho em conjunto e que deram início a uma cultura de cooperação através da construção de uma rede de contactos e solidariedade entre movimentos com diversas causas.

Na obra conjunta de António Negri e Michael Hardt, intitulada justamente de *Multidão: Guerra e democracia na era do Império*, os dois autores concebem a *multidão* como “a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*alternativa viva que cresce dentro do Império.*”. Vêm-na como consequência, ou como a outra face da globalização “(...)a globalização é também a criação de novos circuitos de cooperação e colaboração que cruzam as nações e os continentes e permitem um número ilimitado de encontros” e aplica também a imagem de rede mas de características diferentes da rede de organizações supranacionais e grandes corporações económicas: “a multidão pode, também ela, ser assim concebida como uma rede: uma rede aberta e expansiva em que todas as diferenças se podem exprimir livre e igualmente, uma rede que proporciona os meios de encontro que nos permitem trabalhar e viver em comum.”, Hardt et Negri, 2005:9. Apresentam ainda o “projecto da multidão” como “a possibilidade da democracia a uma escala global” ... “que não só exprime o desejo de um mundo de igualdade e de liberdade, não só reclama uma sociedade democrática global aberta e inclusiva, mas fornece também os meios da sua realização.” Hardt et Negri, 2005:7

A coligação anti-comércio livre conseguiu ocupar lugar de destaque nas notícias e nas discussões sobre a actualidade a nível global, numa conjugação de forças entre sindicalistas, agricultores e activistas ambientais que poderia parecer uma conjugação de forças sociais, causas e práticas políticas bastante improvável.( Nash, 2005:308) António Negri defende que Seattle não surpreende quem já frequentava o meio dos movimentos sociais na década de 1990, sendo estes acontecimentos o culminar de uma série de iniciativas que já se manifestavam no meio activista. (2006:63)

A partir deste momento assiste-se ao início da construção de uma visão de globalização alternativa, que recusa o modelo hegemónico do desenvolvimento capitalista neoliberal e se apoia em várias experiências inovadoras. Os movimentos sociais promovem encontros paralelos e de dimensões igualmente globais. O Fórum Social Mundial é o exemplo máximo, a par com a organização por parte das Nações Unidas de várias iniciativas.

Marc Edelman considera que estes acontecimentos uniram, como nunca antes na história, diferentes problemáticas e diferentes grupos de activistas em movimentos pós-materialistas, baseados na identidade e na classe social. Geram-se alianças acéfalas, horizontais e “loosely networked” que emergem como actores principais na cena mundial. ( Edelman, 2001:305-6)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Neste momento é claro que a globalização gera política de identidade, que o ataque ao estado de providência desencadeia movimentos de resistência e que as instituições de governação supra-nacional são parte e parcela de cada processo. Mas ainda não há muita análise que ligue estas tendências ao movimento crescente contra o poder corporativo e o comércio livre, que teve a sua erupção mediática global em 1999 em Seattle, durante as manifestações de protesto contra a Organização Mundial do Comércio. (Marc Edelman, 2001:308)

Boaventura Sousa Santos, ao analisar o processo de intensificação da globalização hegemónica identifica igualmente a emergência de uma outra globalização “*alternativa, contra-hegemónica, organizada da base para o topo das sociedades*”, composta por

*“redes e alianças transfronteiriças entre movimentos, lutas e organizações locais ou nacionais que nos diferentes cantos do globo se mobilizam para lutar contra a exclusão social, a precarização do trabalho, o declínio das políticas públicas, a destruição do meio ambiente e da biodiversidade, o desemprego, as violações dos direitos humanos, as pandemias, os ódios interétnicos produzidos directa ou indirectamente pela globalização neoliberal”.* ( Santos, 2002:13)

Apesar das divergências nas análises teóricas em vários campos das ciências sociais no que diz respeito ao estudo dos movimentos sociais, é possível identificar convergência entre vários autores, nomeadamente, June Nash, Marc Edelman, António Negri, Boaventura Sousa Santos e, ainda, Marinús Pires de Lima (como veremos de seguida), no que diz respeito à visão de que o momento presente é um período de transição. Marcado pela emergência global de visões capazes de imaginar e oferecer uma alternativa à globalização e à organização social propostas pelos adeptos do capitalismo neoliberal global, sentidas como hegemónicas até agora.

\*\*\*\*\*

MAYDAY origens



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O movimento MayDay aparece em 2001, em Milão, fruto da organização conjunta de três grupos de activistas: o Deposito Bulk, um centro social; o CUB, um sindicato radical; e a Chainworkers Crew, uma organização de trabalhadores precários. Trazer um pouco do espírito de Seattle para o activismo social e político no contexto do trabalho precário, foi um dos objectivos do movimento, organizando para o efeito uma parada de protesto no Primeiro de Maio. A forma de protesto e de apresentação da “multidão”, como diria António Negri, é inovadora e segue um modelo festivo, semelhante a outras paradas, como por exemplo as Gay Parades e Love Parades que ganharam um impacto global na década de 90. Em muitos locais utilizam carros alegóricos, com música, e recorrem a material de divulgação inovador, onde a criatividade, o humor e a sátira se misturam.

Em 2001 os organizadores estimaram em 5.000 o número de pessoas que aderiram à primeira parada de protesto. O número foi crescendo, atingindo cerca de 50.000 participantes em 2003 e, em 2004, juntou cerca de 100.000 pessoas se contabilizarmos os manifestantes de Milão e Barcelona. Foi precisamente em 2004 que, com a organização da parada MayDay também em Barcelona, o movimento deu o seu primeiro passo em direcção à internacionalização e posterior globalização. Nos anos seguintes várias cidades europeias aderiram ao manifesto com iniciativas próprias, chegando pela primeira vez a Lisboa em 2007. (<http://www.chainworkers.org/node/230>, <http://www.urban75.org/mayday01/index.html> e <http://www.maydaylisboa.net/>, consultados entre Março de 2009 e Agosto de 2010)

A velocidade e a intensidade com que o movimento MayDay se propagou demonstra, de forma exemplar, o potencial que fenómenos e movimentos locais têm para adquirirem uma dimensão global. Figura-se também como um óptimo exemplo representativo da diversidade de formas como os movimentos e fenómenos globais podem ser apropriados e adaptados por diferentes comunidades e grupos, adquirindo contornos específicos e únicos nos diferentes locais que alcançam.

A estrutura algo difusa do movimento Mayday também se reflecte ao nível da sua propagação. As características de auto-organização, de activismo criativo e a tentativa de construir uma identidade colectiva do trabalhador precário foram princípios orientadores comuns aos movimentos que se foram desenvolvendo em várias cidades. Mas, por não



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

haver um modelo definido nem uma estrutura de organização a seguir, os vários movimentos adquiriram formas de organização, estratégias e características próprias, que também se podem alterar e transformar de ano para ano.

Um dos aspectos mais interessantes do MayDay é a sua tentativa de criar um novo sujeito social colectivo, tanto a nível textual como visual, capaz de representar a realidade composta pelas diferentes realidades dos trabalhadores precários, que experienciam as mais variadas condições de trabalho e de vida. A parada tornou-se um lugar onde novos termos e ícones visuais sobre a precariedade são criados e postos a circular para um público mais vasto. Desde o início que os activistas apostaram em posters, postais e vídeos, a par com outras criações visuais, consideradas centrais para a divulgação da parada e para a construção da identidade colectiva do trabalhador precário.

### **1.1 – A orgânica e dinâmica de um movimento assemblário**

A apresentação do movimento como um movimento assemblário, aberto à participação livre de qualquer indivíduo e sem estruturas de organização formais, nem hierarquias definidas, desempenha um papel central e dominante no plano do simbólico e da auto-representação. Esta característica é fundamental para a análise da organização e da dinâmica do movimento. A forma da assembleia enquanto forma de organização colectiva não é propriamente novidade, bem pelo contrário. A assembleia é uma das formas de organização mais tradicionais e mais difundidas, quer em termos temporais, espaciais ou dimensionais. A novidade, ou melhor, a relevância deste factor, encontra-se na dimensão simbólica que lhe é atribuída na auto-definição e auto-representação do próprio movimento.

Não tendo o movimento MayDay Lisboa qualquer estrutura orgânica definida, nem fixa, as assembleias são soberanas no sentido em que têm poder de decisão sobre todos os assuntos, podendo dar continuidade a decisões e estratégias anteriormente definidas, iniciar novos projectos e etapas, ou alterar o rumo e planos previamente definidos. No início de



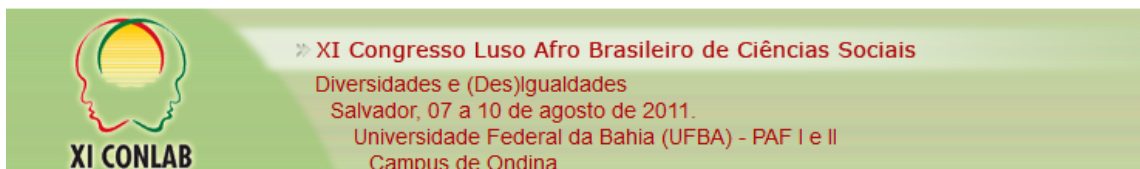
» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

cada assembleia é feito um balanço da situação sobre as actividades em curso, discutem-se opções e definem-se as estratégias a seguir, passos a tomar e planeiam-se as actividades até à assembleia seguinte. As decisões vão, assim, sendo tomadas à medida do desenrolar dos acontecimentos, recaindo o poder de decisão exclusivamente nos participantes presentes em cada assembleia.

Uma das características mais peculiares das assembleias era o processo de tomada de decisão sem nunca recorrer a votação. Este processo de tomada de decisão por consenso foi ele próprio questionado em algumas ocasiões e discutido, mas acabou por se manter ao longo de todas as assembleias, revelando-se como um ponto de honra para muitos dos participantes. Para muitos esta forma de decisão simbolizava por um lado o carácter igualitário, inclusivo, de colaboração e convergência de ideias, alguns dos princípios orientadores do movimento, mesmo em termos globais. Por outro lado simbolizava a ausência de hierarquias, de conflitos, de imposições. Sem votações aparentemente não haviam derrotados.

O movimento MayDay Lisboa define-se como um movimento assemblário, aberto à participação de qualquer indivíduo. Este princípio reflecte um dos objectivos comuns aos vários movimentos alterglobalização: a procura de um caminho para uma democracia *mais livre e participativa*, mais próxima dos cidadãos enquanto indivíduos, uma forma de democracia considerada e definida como *mais democrática*. Esta característica reveste-se de grande valor simbólico na auto-representação do movimento MayDay. No entanto, a adopção desta forma de estar no plano dos princípios, não esbate diferenças internas nem elimina tensões ou pontos de divergência.

Este valor simbólico estende-se, aliás, a outra característica exibida de forma orgulhosa e que consiste no facto do processo de votação ser evitado ao máximo, seja para que assunto for, de forma a reflectir convergência de ideias e o espírito inclusivo do movimento. Não sendo este método completamente consensual dentro do movimento, nem o sendo seu valor altamente simbólico artilhado por todos os participantes, como referido no primeiro capítulo da secção dedicada ao MayDay Lisboa 2009, esta intenção revelou-se



cem por cento conseguida, não se tendo verificado nenhuma “contagem de espingardas” durante a organização do MayDay Lisboa 2009.

A adaptação por parte do MayDay Lisboa de um modelo de organização sem estrutura definida e assente na participação individual permite, justamente, colocar as questões mais fracturantes, que se colocam como potenciais fontes de divergência e tensão entre os participantes o movimento, não num plano institucional e informal, como no caso do Fórum Social Português, mas antes num plano individual e informal. Esta ausência de estruturas formais e definidas, o funcionamento assemblário do movimento e a estratégia de exclusão da votação nos processos de decisão permitem uma flexibilidade capaz de conter a heterogeneidade em termos de opiniões ideológicas e posicionamentos políticos, que o movimento pretende ter.

Mas a questão das divisões entre várias tendências e correntes ideológicas do campo político da esquerda portuguesa e nos movimentos dos trabalhadores não é exclusividade do movimento MayDay Lisboa, nem novidade dos dias de hoje. Basta olharmos para a organização do Fórum Social Português para descobrirmos as mesmas divergências, reveladoras das dificuldades de coordenação de acções conjuntas. A discussão recorrente em torno da utilização explícita do termo “anti-capitalismo” e a relutância e resistência em assumir um posicionamento mais radical e ousado são reveladoras. Parece impossível, pelo menos em plataformas mais alargadas, atingir um consenso capaz de satisfazer todas as sensibilidades relativamente a este tema.

Se por vezes a acção política exige organizações bem definidas e estruturadas, estes espaços intersticiais podem ter uma função importante de estabelecer pontes de contacto num ambiente mais informal e num plano mais individual, permitindo o convívio e o debate entre diferentes pontos de vista e diferentes estratégias de acção.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O facto do MayDay não ter estruturas definidas e o facto de se basear na participação individual permite, de certa forma, afastar o cenário de conflito aberto e de exclusão de determinadas facções. Assim, julgo que uma das principais características do movimento é o facto de se constituir enquanto espaço de circulação livre de capital militante, favorecendo a troca de experiências militantes, informação, estratégias, enfim, construindo o que decidi designar de “capital militante em rede”.

#### **1.4 - Relacionamento com estruturas político-partidárias**

Se o movimento em si não possui, sequer, estruturas de representação para o exterior, que permitam a construção de pontes de comunicação oficiais com outras estruturas e movimentos, essas relações acabam por se apresentar diluídas e imbuídas no colectivo, mas numa dimensão pertencente ao domínio do individual. Mesmo que o MayDay Lisboa, enquanto movimento, consiga, assim, escapar a essa definição relativamente ao seu posicionamento nesses campos mais sensíveis, as relações e as diferentes tendências político-partidárias ou ideológicas, não deixam de estar presentes no plano individual.

Podemos então identificar dois objectivos principais, em termos gerais, do movimento. Primeiramente, a consciencialização e mobilização da “multidão” de trabalhadores precários, tendo em vista a resistência colectiva e a luta pelos seus direitos laborais. Em segundo lugar, o objectivo de colocar o tema da precariedade no centro da agenda da actualidade e a figura do trabalhador precário no discurso político e social, provocando o debate e a procura de soluções alternativas para esta problemática social, tão central quer para a sociedade no seu todo, quer para o indivíduo enquanto valor humano que constitui a base da sociedade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O plano de actividades do MayDay Lisboa 2009 consistiu numa primeira fase na divulgação do movimento, através de acções que resultaram na produção de vídeos utilizados nas convocatórias das assembleias. Foram postos a circular na Internet, no próprio blogue do MayDay e em blogues simpatizantes, directamente no Youtube e ainda através da divulgação a título individual via e-mail. A análise destas acções será feita no terceiro capítulo desta secção, dedicada ao carácter performativo do MayDay Lisboa.

Simultaneamente, foi sendo criada a iconografia do MayDay e outros instrumentos de divulgação. Podemos considerar duas categorias de instrumentos de divulgação: de carácter predominantemente informativo, como os panfletos distribuídos em massa em locais considerados estratégicos, os cartazes a anunciar a Parada, bem como um jornal; e de carácter mais iconográfico, essencial na construção da identidade colectiva do trabalhador precário e na definição da imagem de marca do MayDay, começando pelo logótipo criado, os crachás e autocolantes distribuídos e todo um conjunto de imagens utilizados em vários contextos. Todo este material constitui uma fonte extensa para a análise da produção discursiva e iconográfica do movimento, fundamental para a sua análise.

O jornal Mayday Lisboa 2009 foi um dos meios de divulgação e informação do MayDay, que já tinha sido uma iniciativa no Mayday 2007 e 2008. Quando se levantou esse assunto numa das assembleias, a ideia foi consensualmente aceite e um dos membros ficou com a tarefa de coordenar a criação do jornal. Os jornais foram vendidos na festa do MayDay no Ateneu, na festa e na manifestação do 25 de Abril, na parada do Primeiro de Maio, na festa do Mayday Porto e, esporadicamente, por alguns membros a título particular.

Como podemos constatar, o rol de actividades e acções envolvidas na organização do MayDay é vasto e implica a utilização de variados recursos, de forma a conseguir a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

concretização dos seus objectivos. Como vimos na primeira parte do trabalho, no plano das correntes teóricas sobre movimentos sociais, uma das principais críticas ao paradigma americano foi, precisamente, a sua incapacidade de enquadrar os movimentos que dispunham de poucos recursos e poucas perspectivas de recompensa, mas que, contra todas as expectativas, conseguiam mobilizar “multidões” e conduzir lutas de contestação organizada e com resultados efectivos.

Na sua obra “*Sociologie des Movements de Précàires*”, Magali Boumaza e Philippe Hamman analisam a forma como vários movimentos de precários em termos de trabalho, legalização de documentos, de habitação se conseguem organizar sem terem, à partida, muitos recursos. Pode-se recorrer, assim, à definição de movimentos como movimentos precários, precariedade relacionada com outras realidades e dimensões de precariedade, que não apenas a realidade da precariedade laboral.

Neste aspecto, o movimento MayDay Lisboa constitui-se como um movimento capaz de demonstrar que, mesmo sem recursos materiais próprios, reflectido na e derivado, também, da sua “imaterialização” em termos organizacionais e formais. Podemos, *in extremis*, considerar que o movimento MayDay Lisboa não existe em termos “materiais” ou “formais” na medida em que não tem identidade jurídica, não tem estrutura formal nem órgãos definidos, não tem sede ou espaço onde esteja baseado, não possui bens materiais, nem tem capital financeiro próprio.

### **1.3 Capital militante individual e em rede**

O conceito de “capital militante” poderá revelar-se muito útil na análise teórica dos movimentos sociais e da acção colectiva, aproveitando a definição proposta por Magali Bouzama e Philippe Hamman de capital militante enquanto “competências para a acção colectiva” (Bouzama e Hamman, 2007:21). Também podemos ter em consideração os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

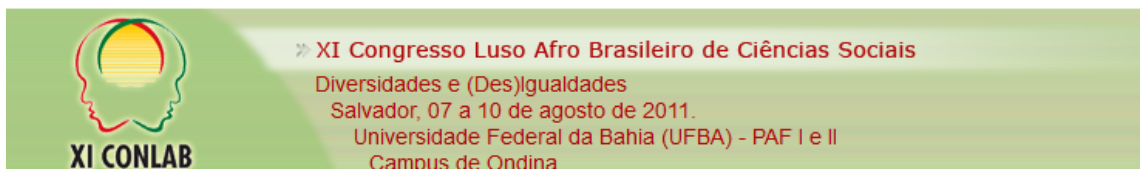
recursos, que poderão ser de variada ordem, passando por recursos físicos e materiais, a recursos humanos e técnicos.

Podemos considerar várias dimensões de capital militante, no plano individual, no plano colectivo e no plano relacional, quer entre indivíduos do mesmo movimento, quer entre diferentes movimentos e colectivos. O capital colectivo encontra-se, no caso do MayDay, profundamente imbuído na rede de indivíduos, mas adquire também uma identidade e um capital colectivo do movimento enquanto tal.

Considero que, de certa forma, o capital militante reflecte uma dimensão particular do capital social. Utilizo aqui o conceito de capital militante enquanto “*competências para acção colectiva*”, recorrendo à definição de Magali Bouzamma e Philippe Hamman (2007:21), acrescentando a vertente dos recursos para a acção colectiva. Pretendo demonstrar a existência do capital militante no plano individual, bem como no plano colectivo, através da sugestão do conceito de capital militante em rede.

António Negri refere-se aos jovens militantes do movimento MayDay, na sua dimensão global, como “*cognitariado*”, ou seja, “*assalariados com um nível de instrução média-alta, habituados a trabalhar com as novas ferramentas informáticas apesar de não estarem ligados à comunicação mas, por exemplo, aos serviços produtivos.*” (2007: 203)

O MayDay Lisboa, apesar de basear-se exclusivamente nos seus constituintes enquanto indivíduos e não adoptar uma estrutura formal, é detentor de um capital militante colectivo. Os recursos dos seus militantes, ou o que poderemos designar como o capital militante dos participantes no movimento, acabam por formar uma rede difusa e, muitas vezes, sobreposta de contactos, que adquire uma forma de rede multidimensional. O capital militante colectivo resultante desta rede de recursos e de militância, não se limita à soma do



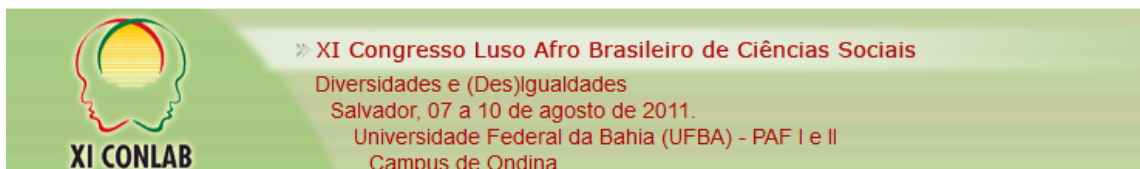
capital militante de cada indivíduo, mas antes multiplica-se através das sinergias geradas entre os diferentes indivíduos e, através destes, entre diferentes colectivos.

Os recursos do MayDay encontram-se, assim, imbuídos e assentes em toda uma rede de contactos, de colaboração e de solidariedade estabelecida em todo o processo. A título de exemplo podemos considerar a questão da utilização do espaço da Associação Solidariedade Imigrante (SOLIM) e do Sindicato de Professores da Grande Lisboa (SPGL) para a realização das assembleias, ou a cedência por parte do colectivo cultural Crew Hassan de espaço para a produção e armazenamento de materiais para a Festa e para a Parada. O blogue, através da extensa lista de blogues e sítios solidários e associados com o MayDay, também é um bom exemplo para demonstrar o alcance da rede militante, neste caso na sua dimensão cibernética.

## **2. Precariado: a construção duma nova identidade**

A criação de uma nova identidade colectiva do trabalhador precário, ou classe do precariado, constitui-se como o principal objectivo do movimento em termos da sua origem. Reflecte-se aqui a importância da identidade colectiva em termos de definição estratégica para o alcance dos seus objectivos. Mas esta nova identidade colectiva envolve a recuperação, de certa forma, da identidade colectiva do trabalhador no plano central das lutas por direitos sociais.

Uma das primeiras identidades colectivas, ou talvez mesmo a primeira, a ser construída com um forte apelo à universalidade da luta, como consequência da universalidade da opressão, foi, justamente, a identidade do trabalhador, inicialmente sob a figura do proletariado. Na tendência actual para uma multiplicidade de identidades colectivas e dispersão de lutas, a identidade colectiva do trabalhador parecia perder



expressão e terreno em termos de representação, numa tendência de declínio que parecia difícil de contrariar.

O movimento MayDay propõe, quer a nível global, quer a nível local, recuperar a identidade do trabalhador enquanto factor de união na luta por uma outra sociedade, criando uma nova identidade colectiva, capaz de abarcar e conter a diversidade e heterogeneidade da classe dos trabalhadores, sob a figura altamente flexível do trabalhador precário. Este projecto e tentativa de construção desta nova identidade colectiva pode ser sintomático e um indicador de que estamos a atravessar um momento de reinvenção e transformação do movimento dos trabalhadores, num plano e contexto globais.

Uma das principais preocupações manifestadas nas assembleias desde o início foi precisamente a discussão sobre como definir o público-alvo das acções de sensibilização, de forma a serem o mais abrangentes possível. A falta de coesão e consciência enquanto classe trabalhadora por parte da multidão de trabalhadores em situação precária é vista como uma das maiores dificuldades, obstáculos, ou mesmo o maior, que comprometem a mobilização para a acção e pressão sobre o poder político e económico.

### **3. Cria(c)tividade e o carácter performativo**

O movimento MayDay Lisboa, à semelhança do movimento MayDay em termos globais, aposta fortemente na divulgação através de meios audiovisuais, com a produção de vídeos postos a circular na Internet, meios gráficos, com toda a iconografia produzida para o logótipo, autocolantes, cartazes. Para além desta dimensão iconográfica existe uma dimensão de carácter performativo, representado pelas coreografias e cantorias preparadas para a Parada.

**Geração Precária, Geração em Movimento. Que Futuro?**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Para analisar a questão do poder de alcance do movimento MayDay Lisboa e do seu potencial de transformação social teremos que rever as suas intenções e ambições. Temos que ter desde início algumas considerações sobre o movimento MayDay Lisboa. Primeiramente, não apresenta estruturas de organização definidas nem permanentes, sendo um movimento assemblário e sazonal. Segundo, não ambiciona constituir-se como estrutura de representação dos trabalhadores precários, nem tem propósitos de negociação com o poder político e económico, por outras palavras, não pretende substituir-se, de forma alguma, às estruturas sindicais.

No entanto, pela sua dimensão global e potencial projecção mediática, quer a nível internacional, quer a nível nacional e local, o movimento pode ter um poder de influência transformativo sobre a sociedade. Esse potencial pode ser demonstrado pela entrada nos últimos anos do léxico ligado à precariedade laboral no discurso político, económica e dos meios de comunicação social. Naturalmente, este acontecimento deve-se a uma variedade de factores em que o movimento MayDay desempenha apenas o que pode ser definido como um papel catalisador.

O sucesso da consolidação da nova identidade colectiva do trabalhador precário, e da classe do precariado, possivelmente só poderá ser avaliado com alguma distância temporal, e também não será, seguramente, da responsabilidade exclusiva do movimento MayDay. De qualquer forma este movimento de trabalhadores precários tem um contributo importante para este objectivo de afirmação desta nova identidade colectiva orientada para a luta por direitos laborais e sociais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O poder transformativo do movimento MayDay também se reflecte na própria cultura da acção colectiva de protesto, confirmando a tendência para formas de protesto de carácter festivo e jovem, com forte aposta na produção iconográfica e nos meios audiovisuais. O movimento MayDay Lisboa apresenta também nas suas formas de protesto uma dimensão performativa, de carácter irreverente e com utilização do humor como forma de tornar mais atraente a transmissão das críticas sociais e o apelo à mobilização dos jovens trabalhadores.

Por último, destaco o potencial do movimento MayDay para estabelecer pontes de contacto entre vários movimentos e tendências políticas, criando, ou melhor, fortalecendo uma rede militante solidária e cooperante. O conceito de capital militante em rede pode revelar-se muito útil para melhor perceber as transferências de conhecimentos e técnicas de acção colectiva e intervenção política, o movimento de indivíduos entre diferentes universos militantes, nomeadamente dos movimentos sociais, do campo político, das estruturas sindicais, e mesmo do meio cultural e artístico com componentes de intervenção e crítica social.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Pelo facto de o trabalho precário afectar de forma mais flagrante os jovens trabalhadores, e pelo facto de o movimento MayDay ser dinamizado, maioritariamente, por jovens com idades entre os vinte e os trinta e cinco anos, o estudo acabou por entrar num terreno teórico que não estava nas intenções iniciais, e que podemos designar como “cultura da juventude”. Do cruzamento entre perspectivas da área dos novos movimentos sociais e do trabalho precário surgiram aos poucos, num outro plano, traços e questões ligadas à realidade vivida pela juventude nos dias de hoje, e que foram ganhando a forma de um possível retrato de uma nova geração.

Desde a data do estudo que o cenário de crise continuou a agravar-se e a adquirir contornos cada vez mais definitivos. Os números do desemprego e da precariedade laboral atingem valores recorde, os cortes nos sectores do apoio social são anunciados como medidas inevitáveis e como parte da solução para a recuperação da economia. A tendência de agravamento das condições de vida em alguns dos países mais fortemente afectados parece entrar numa espiral viciosa descendente

A agitação e mobilização social, principalmente nos segmentos mais jovens da população acompanhou o crescendo da crise em toda a Europa. Após os primeiros protestos na Grécia em finais de 2008, que chegaram ao extremo de violência e confrontos entre manifestantes e forças da autoridade, seguiram-se protestos, manifestações e confrontos, por vezes violentos, em toda a Europa.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Estudantes pré-universitários em Inglaterra saiem à rua perante a perspectiva do aumento do custo do ensino superior e retirada de apoios do estado. Em Itália jovens manifestam-se na rua e envolvem-se em confrontos com as forças da autoridade que reagem de forma repressiva. França assiste ao reacender de novos motins em bairros sociais periféricos, bem como o Reino Unido. O descontentamento social manifesta-se por toda a Europa, cruzando vários sectores profissionais e faixas etárias, no entanto a juventude parece ter um papel de protagonista, assumindo a vanguarda da ação e avançando com novas formas de protesto.

No início deste ano, no Norte de África, as populações saiem à rua causando a queda do regime tunisino, seguido da queda do regime de Hosni Mubarak no Egipto. Mais uma vez os jovens desempenham um papel central com a utilização das redes sociais e das novas tecnologias de informação e comunicação. As revoltas populares alastram-se à Líbia, ao Médio Oriente e países arabes.

Em Portugal, a 12 de março deste ano, uma iniciativa promovida por um colectivo de três indivíduos através da rede social Facebook gera uma manifestação envolvendo cerca de trezentas mil pessoas em todo o país. A 15 de Março cria-se um movimento em Espanha inspirado no movimento português “Geração à rasca”, que leva a manifestações em dezenas de cidades. Em período pré-eleitoral, grupos de jovens estabelecem “acampadas” nas praças centrais das grandes cidades por toda a Espanha, iniciativas que também se alastram a outras cidades europeias, embora com menor impacto. Grupos de jovens em Portugal mostram-se solidários e adoptam a mesma estratégia de ocupação do espaço público e realização de assembleias populares abertas a todos os indivíduos.